

BRINCAR COM A LINGUAGEM: UMA ABORDAGEM DO LÚDICO NA LITERATURA INFANTIL

Maria Aparecida Valentim Afonso
UFPB

Resumo: Este artigo faz parte de uma pesquisa realizada no mestrado em educação – UFPB com o título Ler e brincar: uma abordagem do lúdico na literatura infantil. Tem como objetivo compartilhar a análise realizada do livro **Salada, Saladinha**, editado pela Moderna, de Maria José Nóbrega e Rosane Pamplona, ilustrado por Marcelo Cipis, onde se pretende discutir sobre a presença da brincadeira com a linguagem a partir do discurso das autoras e do ilustrador. Tendo por base a perspectiva dos Estudos Culturais, dialoga-se sobre aspectos relacionados à literatura infantil, à criança e a textos específicos como as parlendas, apoiando-se em pressupostos teóricos de autores pós-estruturalistas e pós-modernos, como Foucault, Veiga-Neto e Costa.

Palavras-chaves: Criança, linguagem, literatura infantil, parlenda.

As relações entre literatura infantil e escola, remontam a sua origem e a objetivos comuns de promover o desenvolvimento intelectual da criança. Tal fato, repercute na atualidade, pois os vínculos com a escola permanecem, uma vez que a produção tem crescido consideravelmente nas últimas décadas devido à implementação de programas voltados para o “incentivo à leitura”. Anualmente o “governo” compra grande parte da produção de livros de literatura infantil, tornando-se o principal cliente dessa indústria cultural e assim, a criança escolarizada das escolas públicas passa a ser o público cobiçado. Nesta perspectiva, a literatura infantil tende a capturar interesses e desejos desse leitor, com vistas a atraí-lo e conquistá-lo.

Nesse cenário, os discursos que permeiam a literatura infantil ganham validade e engendramento social, se espalham e penetram nos vários espaços sociais como: no discurso educacional do professor em sala de aula, dos alunos, dos pais, dos especialistas, do governo, promovendo o prazer, o entretenimento, o saber. Foucault (1979, p.183) considera esses discursos poderosos, uma vez que “o poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação”.

A linguagem dos livros de literatura infantil e os discursos que produz faz circular significados culturais. Veiga-Neto (2000, p.56) argumenta que “os discursos podem ser entendidos como histórias que, encadeadas e enredadas entre si, se complementam, se completam, se justificam e se impõem a nós como regimes de verdade”. É nesse sentido que os livros de literatura infantil podem ser considerados artefatos culturais que ajudam a constituir as identidades das crianças.

Especialistas, pareceristas, produtores, autores e ilustradores, estudiosos de várias áreas do conhecimento são responsáveis por uma nova ordem discursiva, envolvidos com promessas de formar cidadãos críticos através de uma leitura prazerosa, livre, crítica e lúdica. Esses discursos tendem a divulgar idéias, concepções que interpelam cotidianamente seus interlocutores. Costa (2000, p.77) analisa a força da linguagem e diz que: “quando alguém ou algo é descrito, explicado, em uma narrativa ou discurso, temos a linguagem produzindo uma ‘realidade’, instituindo algo como existente de tal ou qual forma”.

Sintonizados com as tecnologias e os avanços da sociedade contemporânea, os discursos dos livros de literatura infantil são especialmente construídos com o objetivo de educar, entreter, seduzir a criança. Desse modo, considero que os livros de literatura infantil carregam grande significação. Lajolo (2003, p.232) corrobora com essa idéia e afirma que:

A literatura trabalha na surdina. Enquanto formadora de imagens, a literatura mergulha no imaginário coletivo e simultaneamente o fecunda, construindo e desconstruindo perfis de crianças que parecem combinar bem com as imagens de infância formuladas e postas em circulação a partir de outras esferas, sejam elas científicas, políticas, econômicas ou artísticas.

Sendo assim, a questão que está no centro dessa pesquisa consiste em reconhecer que o discurso produzido pela literatura infantil, as idéias divulgadas por suas narrativas, imagens, brinquedos e brincadeiras tendem a construir a criança. O discurso elaborado pelo autor tem o poder de inventar e construir uma idéia sobre a criança e seu mundo. Essa construção faz parte da imaginação, capacidade de criação, percepção do mundo e do universo de valores, crenças que constituem o autor. Assim, disseminando idéias, modos de ser e perceber a criança e o mundo, a literatura infantil é uma produção cultural “comprometida com a ordem formativa”, como assevera Perrotti (1986).

O brincar com a linguagem

As parlendas constituem instrumentos poderosos para iniciar as crianças nas brincadeiras com a linguagem, pois são caracteristicamente marcadas pela sonoridade, musicalidade, ritmos, pelo desafio da descoberta dos signos. Desde bem pequenas as crianças são incentivadas pelas mães a repetirem versos, fórmulas, estimulando a sua linguagem oral. Dantas (2002, p.115) afirma que no que se refere à ludicidade, vale destacar que: “existe também na linguagem, marcando um gosto pela musicalidade, pelo ritmo, pela rima, pela assonânciam que podem levar a melhor sobre o sentido”.

É importante reconhecer a função cultural dessas brincadeiras que agregam valor à interação grupal das crianças. Tendo na linguagem oral uma importante aliada para o desenvolvimento das brincadeiras, a parlenda, constitui uma forma de internalizar novas estruturas da língua e aprimorar a sensibilidade para expressões sonoras mais elaboradas. Neste sentido, as parlendas constituem oportunidades

para explorar o raciocínio, a memorização, o entendimento e a decifração de códigos oriundos da tradição oral. Compondo-se de um rico repertório das diferentes regiões do país, as parlendas sempre fizeram parte das brincadeiras infantis. e constituem um acervo que tem atravessado séculos, enraizadas nos brincos das crianças. Essas brincadeiras tradicionais, como as parlendas, fazem parte do patrimônio lúdico-cultural infantil e manifestam os valores, costumes, formas e pensamentos aprendidos na oralidade.

Se por um lado as crianças aprendem as parlendas com o adulto, de outro, cada grupo de criança que brinca tende a construir outros significados, imprimindo às brincadeiras com a linguagem características regionais. Variando e enriquecendo as parlendas a partir de novas percepções sociais, as crianças implementam novas possibilidades na construção das brincadeiras, a partir de elementos do cotidiano. Cerizara (2002, p. 127) argumenta que “[...] parece ser possível perceber a influência de elementos, não só das experiências vividas pelas próprias crianças, como também de elementos advindos de experiências alheias por elas ouvidas”. Fernandes (1979, p.173) reitera que “Neste caso, são as crianças que, dessa forma, asseguram a continuidade das brincadeiras tradicionais, através de elementos da sua cultura, continuidade essa posta em crise pelo desaparecimento absoluto ou parcial daqueles traços da cultura adulta”. Assim, as brincadeiras com a linguagem, como as parlendas, podem ter um importante papel no processo de manutenção e divulgação das formas de brincar das gerações passadas, visto que, são transmitidas pela oralidade, mas renovam-se e transformam-se com a incorporação de novos elementos, pelas crianças, em cada época.

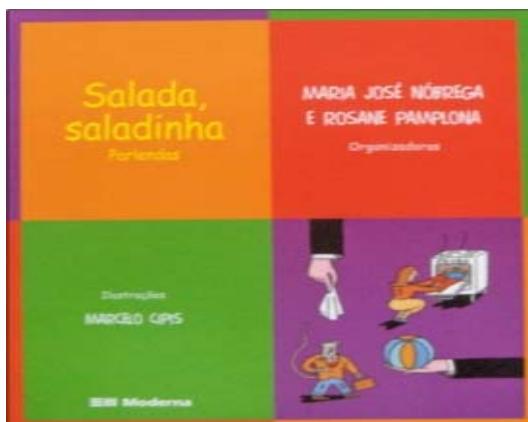
As parlendas provocam a alegria das crianças, não importa se elas ainda não conseguem entender o significado das palavras, pois a sonoridade, as rimas, a melodia expressas nessa linguagem repercutem quando vão brincar. A sonoridade das palavras oferecidas, principalmente quando são iniciadas com estruturas mais simples, dão grande prazer às crianças, isto acontece porque há uma percepção imediata da melodia das parlendas. Mas, quando não compreendem o significado das palavras, as crianças as substituem por outras com o mesmo som, construindo variações que atravessam gerações. Assim, na percepção do ritmo das palavras são encontradas formas de dizer que extrapolam as informações recebidas. E ainda a reunião de fatores como criatividade, emoção, afetividade, aliados a uma dimensão corporal e de movimento, ganham relevância e uma *performance* completamente reinventada pelas crianças toma forma nas brincadeiras com a linguagem.

Desse modo, a literatura infantil traz para suas páginas a riqueza e a variedade de parlendas e brincadeiras com a linguagem, oriundas da cultura popular, permitindo o acesso desse gênero a um número maior de crianças, “contribuindo para preservar e perpetuar modelos de sentir, de pensar ou de agir tradicionais” conforme defende Fernandes (1979, p. 25).

Introdução ao livro

O livro, **Salada, Saladinha** de Maria José Nóbrega e Rosane Pamplona com ilustrações de Marcelo Cipis, oferece ao leitor uma coletânea de parlendas recolhidas da memória e organizadas pelas autoras com elementos trazidos da cultura popular de várias regiões do Brasil com uma classificação peculiar e inusitada. Apropriando-se de elementos da tradição oral, as autoras desejam inserir as parlendas em ambiente escolar onde as crianças são as principais leitoras. Com texto lúdico e primorosamente selecionado, as parlendas proporcionam ao adulto um retorno à infância e à criança momentos de diversão e entretenimento através da brincadeira com a linguagem. O título do livro reporta-se à parlenda: “Salada, saladinha, bem temperadinha, Sal, Pimenta, Fogo, Foguinho!”.

A ilustração discreta sugere o título ou outro elemento central na parlenda. As parlendas, por sua vez, rimadas ou não, são ricas de elementos da cultura popular e da oralidade. “Ao lê-las, o desejo é repeti-las em voz alta, memorizá-las, cantá-las e ensiná-las às crianças”, conforme argumenta Nóbrega (2005).



A capa, dividida em quadrantes, com cores devidamente selecionadas, convidam o leitor a conhecer as páginas do livro. As cores da capa adentram o livro e dão às páginas alegria e visibilidade, cativando o olhar do leitor.

Processo de construção do livro

Nas primeiras páginas do livro as autoras fazem o agradecimento:

Aos nossos filhos, Luísa e Carol, Caio e Manoela, que despertaram em nós a memória adormecida das doces brincadeiras de infância. Aos professores que fomos encontrando Brasil afora, que trouxeram versos tão bonitos para adoçar ainda mais este mingau... Às crianças que vão experimentar a receita e levar adiante a boniteza destes versos aprendidos de coração, de cor (NÓBREGA, PAMPLONA 2005).

Este agradecimento ajuda a revelar o conteúdo do livro, ou seja, o aprendizado com várias pessoas com as quais as autoras tiveram contato, a contribuição das professoras para o enriquecimento do repertório e a lembrança das brincadeiras da infância. Aponta para uma das características das brincadeiras tradicionais, que é o fato de serem repassadas de pessoas a pessoas e assim, manterem-se vivas na memória do povo.

As autoras enfatizam ainda que foram “versos aprendidos de coração, de cor” realçando a percepção da origem dessas brincadeiras com a linguagem: a tradição oral. Passando de boca em boca, sofrendo acréscimos e adaptações, as parlendas chegaram até os dias atuais e permanecerão uma vez que, são “as crianças que vão experimentar a receita e levar adiante [...]”(NÓBREGA, PAMPLONA 2005).

Apresento para melhor compreensão do livro o esquema de sua organização. A classificação feita pelas autoras e as parlendas que constam no livro. Para facilitar a elaboração desse esquema dei títulos às parlendas. Mesmo sabendo que algumas não têm título, usei o primeiro verso para identificá-las, permitindo melhor visualização e reconhecimento das parlendas no quadro.

Essa forma de organização deixa clara a intenção pedagógica das autoras. A diversidade de parlendas sugeridas revela a permanência desses textos que acompanharam gerações de crianças, sofreram alterações, mas permanecem vivas.

Organização do livro:

Parlendas	Títulos (alguns exemplos)	
1- de tirar Para tirar pique	U-ni-duni-tê Minha mãe mandou dizer	Lá em cima do piano Pom-po-ne-ta
2- de arreliar Para implicar com colega, torcida.	Vaca amarela... Não me olhe de banda	Foi pra conta do Abreu! Enganei um bobo
3- de pedir Para fazer pedidos a santos	Pula pipoca... São Longuinho...	Estrela realiza o meu desejo... São Brás ...
4- de pular corda Para brincar de pular corda	Com quem você pretende se casar? Ra, re, ri, ro, rua	Batalhão, lhão, lhão... Ai, ai! Que tens? Saudades.
5- de brincar com os pequeninos Para ensinar às crianças, entreter, brincar, divertir	A galinha do vizinho... Dedo mindinho ...	Hoje é domingo pede cachimbo... Um, dois, feijão com arroz...
6- de brincar Para brincadeiras	Uma, duas, angolinhas... Barra-manteiga	Bento que bento é o frade! Tá pronto, seu Lobo?
7- de acabar Para encerrar histórias, livros, causos.	Entrou por uma porta, saiu pela... Foi um dia uma vaca ...	Acabou-se a história, morreu a... E depois? Morreram as vacas...

Discursos das autoras

As autoras e o ilustrador, nas páginas finais do livro, contam um pouco de suas vidas, pontuando aspectos da infância e da memória de suas brincadeiras. Considero os depoimentos das autoras relevantes para esta pesquisa, uma vez que neles encontro elementos que permitem perceber a visão de criança das autoras e a importância que dão às brincadeiras com a linguagem e o desejo de sua manutenção entre nós.

Desse modo, para analisar o livro **Salada, saladinha** aproveito o discurso das autoras e do ilustrador para, a partir deles, compreender as expectativas e sentidos do livro em relação à criança e às parlendas.

Maria José Nóbrega

Nasci em Outubro de 1972, na Casa Verde, em São Paulo, onde pude brincar muito em um terreno baldio que era o paraíso da criançada. A memória daquelas brincadeiras ficou guardada em algum cantinho da alma, até desabrochar com toda força quando nasceram Luísa e Carol.

Às vezes, quando queria ensinar a elas algumas brincadeiras, mas não me lembrava de um trecho, saía atrás de quem pudesse me dar a peça que faltava. Foi assim que comecei a colecionar parlendas, adivinhas, trovas, cantigas.

Como professora, vocação despertada pela brincadeira de escolinha (meu sonho era poder apagar a lousa quantas vezes quisesse!), descobri a força desses gêneros para ensinar a crianças a ler e a escrever e, assim fazer com que entrassem no mundo da escrita de braço dado com a tradição oral de nosso povo.

Já deu para sentir por que em meu coração pulsa a sonoridade desses versos tão singelos que cheiram a Brasil, não é?

Rosane Pamplona

Sou paulistana, da Avenida Paulista, mas de um tempo em que ainda era possível brincar nas ruas, com a turma do quarteirão. Depois, passei minhas férias na roça, minha adorada roça, que me ensinou a entrar na roda e a dizer aqueles versos tão bonitos. . .

Ainda me lembro da alegria genuína que sentia brincando de gato-e-rato, de pular corda, de cabra-cega. Tudo isso, hoje sei com certeza, foi que me instigou a curiosidade, a admiração e o amor pela língua, pelas deliciosas palavras daqueles versos tão bonitos, que dizem adeus, mas não vão embora: ficam para sempre ancorados em nosso coração.

Marcelo Cipis

Nasci em São Paulo, no ano de 1959, entre prédios, ruas asfaltadas e “sem terrenos baldios”. Infância feliz, porém urbana. Jardim-casa, escola-casa, loja do pai-casa, carro-casa...

Posso contar nos dedos às vezes em que brinquei de pipa ou de peão. De taco? Nunca. Bicicleta, bolinha de gude? Só nas férias em Santos ou no Guarujá.

Menino lia livros de histórias e colecionava figurinhas. Talvez venha daí o gosto pelas imagens, pelas ilustrações, que despertaram o desejo de ser desenhista. Ilustrar os livros de trovas, parlendas, adivinhas e contos de enrolar da série “Na panela do mingau” Coisas que revelam um Brasil lindo e lúdico... (NOBREGA, PAMPLONA, 2005, p. 63)

Pamplona e Nóbrega falam das experiências com as brincadeiras na infância: uma brinca no “terreno baldio” e a outra “brinca nas ruas com a turma do quarteirão”. Esse aspecto deixa claro a importância das brincadeiras e a necessidade de espaço e tempo para as crianças brincarem, o que na sociedade contemporânea tende a ficar cada vez mais escasso.

As autoras, falam do brincar em tom nostálgico, quando Pamplona recorda a turma do quarteirão, enfatiza que em sua época de infância podia brincar na rua. As brincadeiras entre vizinhos era estimulada e muito comum nos bairros, não somente em São Paulo, mas em muitas outras cidades. Era um tempo em que as vozes, gritos das crianças ecoavam pelas ruelas e faziam parte da paisagem das cidades. Fernandes (1979, p. 160) reitera que “o papel da vizinhança é importantíssimo, pois condiciona os contatos entre os indivíduos [...]” A proximidade espacial das famílias facilita a organização das brincadeiras, uma vez que, encontram-se reunidos durante mais tempo. Realizadas em espaços livres, quintais, ruas e com a participação restrita às crianças, as brincadeiras se repetiam em horários e locais determinados pelo grupo. Às vezes separados por sexo, por idade, por interesses, agilidade, tamanho, o fato é que as crianças encontram motivos e formas para reunirem-se e brincarem.

A socialização das crianças era percebida nos grupos, valorizada pelas brincadeiras tradicionais que tornavam-se espaços ideais para manifestação de afetividade e amizade. Fernandes (1979, p. 24) confirma que o brincar com a linguagem ajuda na socialização, uma vez que, “por seu intermédio, a criança aprende a lidar com situações, com pessoas e com técnicas sociais análogas àquelas com que se defrontará, posteriormente, no mundo social dos adultos”.

Em contraponto ao modo de vida das autoras, Marcelo Cipis, o ilustrador, fala de uma cidade diferente, uma São Paulo sem terrenos baldios e crianças brincando na rua. Reportando-se à época de sua infância, Cipis parece estar falando da realidade de crianças de uma cidade qualquer, nos dias atuais, onde a maioria reside em apartamentos ou em casas sem quintal. Cipis ainda completa que quase não brincou de pipa, peão, bolinha de gude, mesmo assim era feliz. As lembranças da infância do ilustrador permitem a identificação com crianças da atualidade, com uma vida urbana, que como ele, não tem espaço e tempo para as brincadeiras coletivas tradicionais.

A infância de Cipis reporta a uma criança sem oportunidade de brincar em grupos, compartilhar e experimentar os desafios que os brinquedos coletivos propiciam. É a solidão e a rotina da vida urbana apresentada pelo ilustrador como “jardim-casa, escola-casa, loja do pai-casa, carro-casa...”. Essa repetição remete ao espaço onde mais passava o seu tempo e desenvolvia atividades voltadas para o lazer, a casa.

Como compensação, por não ter podido participar das brincadeiras populares, na rua, com a turma, Cipis lia livros de histórias. Esse argumento do ilustrador sinaliza para os leitores que se as crianças na atualidade não tem acesso a essas brincadeiras realizadas em grupos, os livros de literatura infantil podem suprir esse espaço, dando-lhes oportunidade de conhecer suas histórias, imagens e até mesmo aprender algumas brincadeiras, como nesse caso, as parlendas. É interessante pontuar que mesmo não tendo oportunidade de participar das brincadeiras populares, Cipis destaca o seu valor para as crianças.

Pamplona reitera o fato de passar as férias na roça e lá ter aprendido a “entrar na roda”. As brincadeiras tradicionais, entre as quais destaco as parlendas,

são de origem popular, uma herança cultural de um Brasil em um tempo em que a maioria da população habitava o meio rural e as cidades grandes ainda não eram tão grandes assim. Fernandes (1979) analisou as relações do folclore com os processos de mudança social e observou que vários setores sofreram processo de desintegração, nessa transição de uma vida rural para a urbana. Inclusive porque o desenvolvimento das cidades, a criação e ampliação de campos de trabalho, possibilitou a vinda de pessoas que residiam na zona rural e com elas suas crenças, seu modo de vida e as brincadeiras. Mas, na cidade, as brincadeiras modificaram-se para se adaptar às condições de vida urbana. Algumas brincadeiras foram desaparecendo e não mais são conhecidas, outras sofreram um processo de atualização e permanecem até os dias de hoje.

Juntamente com as brincadeiras, um conjunto de comportamentos comuns e adequados para a época, são relembrados pela autora e projetados para as crianças na atualidade. O espaço rural idealizado é reservado para as coisas mais puras, inocentes e genuínas remetendo a sentimentos como harmonia e felicidade. Gouvêa (2004, p.200), discutindo essa temática argumenta que “a criança surge então, como habitante privilegiada desse espaço, identificada com as idéias de natureza, pureza, simplicidade ligadas à vida do campo”. O espaço rural passa a ser idealizado pelas vivências do passado que se deseja resgatar. Então, o leitor infantil é convidado a penetrar nesse universo mágico, protegido, que está associado ao campo e a todas as coisas que ele representa. Nele, a criança estaria protegida dos perigos da vida urbana e teria as experiências lúdicas com as brincadeiras tradicionais.

Esse pensamento das autoras pode ser comparado às idéias de Rousseau (1995) no livro **Emílio ou Da Educação** no qual defende o afastamento das crianças da cidade e das relações sociais. Defendendo a vida no campo, com a natureza, o autor considera o contato com a sociedade nefasto para a educação das crianças.

Outro aspecto que as autoras relatam são as lembranças, memórias das brincadeiras que ficaram guardadas em suas almas, mas que são retomadas em algum momento, quando precisam revivê-las. As brincadeiras tradicionais, como as parlendas, fazem parte do folclore, constituem a referência de vida, das alegrias da infância, da pureza e simplicidade das coisas genuínas. Em algum momento da vida, buscar essas práticas folclóricas significa revisitar a infância, as lembranças de um tempo com suas alegrias. Para as autoras, lembrar o passado significa atravessar as fronteiras do mundo adulto e mergulhar na própria história.

A lembrança desses fatos traz uma carga afetiva, pois voltar o pensamento àquela época significa deixar emergir lembranças, muitas vezes adormecidas. Não apenas a melodia, o ritmo, os movimentos e palavras são gradativamente rememoradas, mas o tempo, o espaço, os cheiros, as cores, os sons compõem um rico repertório do ambiente onde eram realizadas as brincadeiras. O desejo é ensinar aos filhos, alunos e demais crianças sobre as brincadeiras e através deles vivê-las mais um pouco e intensamente aqueles momentos mágicos. Vê-las reconstruídas pelas crianças é como voltar àqueles momentos e degustá-los

devagarzinho ao mesmo tempo em que se contribui para a preservação de hábitos saudáveis na infância.

Nóbrega, destaca que o desejo é que as crianças, filhos, também experimentem as alegrias, momentos de diversão tão marcantes como os que viveu. As autoras ressaltam que desejam ‘recolher’ as brincadeiras que foram significativas para elas e repassar para os filhos, alunos, crianças, essa memória rica das brincadeiras e torná-las marcantes também para seus leitores, particularmente, os leitores infantis.

Mas, além de enfatizarem as brincadeiras realizadas espontaneamente pelas crianças, as autoras retomam o aspecto da utilidade da literatura infantil e das parlendas, que em algumas versões têm como objetivo ensinar as crianças a contar, a nomear os dias da semana, etc. Conforme explicita Cascudo (1978, p.58) quando diz que “as parlendas ou lenga-lengas, como dizem os portugueses, são fórmulas literárias tradicionais, rimadas também pelos toantes, conservando-se na lembrança infantil pelo ritmo fácil e corrente”. Assim, conferindo um caráter pedagógico ao livro, o discurso de Nóbrega e Pamplona (2005, p. 78) reforça a qualificação da obra para a inserção no ambiente escolar, quando reiteram: “[...] descobri a força desses gêneros para ensinar crianças a ler e a escrever e, assim, fazer com que entrassem no mundo da escrita de braço dado com a tradição oral de nosso povo”. Além de divertirem, as parlendas poderiam ser utilizadas para ensinar as crianças a ler e escrever, uma justificativa perfeita para a escola adotá-las.

A espontaneidade das brincadeiras feitas pelas crianças, na zona rural, na rua, nos quintais sem a presença do adulto, nesse momento é rompida com a possibilidade que as autoras encontram de “ensinar as crianças” a ler e a escrever. Outro discurso começa a ser feito, o da incorporação dos livros com as parlendas na escola, sua eficiência para ensinar. O aspecto lúdico, brincante, livre e autônomo das brincadeiras tradicionais ficam em um outro plano. Gradativamente, desenrola-se um discurso útil sobre a utilidade dessas brincadeiras com a linguagem e do livro de literatura infantil para a escola.

A imersão das parlendas e do livro na escola, com objetivo de ensinar as crianças a ler e escrever, é anunciada pelas autoras com vistas a atingir um número maior de leitores, as crianças. Pois, apesar da origem dessas brincadeiras, ser o espaço rural, é também para o público da cidade, alunos das escolas públicas, que o livro se destina. Assim, o desejo das autoras é que as crianças possam ler e brincar, experimentar as mesmas alegrias que viveram na infância.

REFERÊNCIAS

- CASCUDO, Luis da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- CERIZARA, Ana Beatriz. De como o Papai do céu, o coelhinho da Páscoa, os anjos e o Papai Noel foram viver juntos no céu! In: KISHIMOTO, Tizuko Morschida. **O Brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 2002.

- COSTA, Marisa V. **Estudos Culturais em Educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Porto Alegre: Ed. Universitária/UFRGS, 2000.
- DANTAS, Heloysa. Brincar e trabalhar. In: KISHIMOTO, Tizuko Mochida. **O Brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 2002.
- MOYLES, Janet R. **A excelência do brincar**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FERNANDES, Florestan. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GOUVÊA, Maria C. Soares de. **O mundo da criança**: a construção do infantil na literatura brasileira. Bragança Paulista: Editora Universitária/São Francisco, 2004.
- KISHIMOTO, Tizuko Mochida. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 2002.
- LAJOLO, Marisa. Infância de papel e tinta. In: FREITAS, Marcos Cezar de. **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2003.
- NÓBREGA, Maria José; PAMPLONA, Rosane. **Salada saladinha**. São Paulo: Moderna, 2005. Ilust. Marcelo Cipis.
- PERROTTI, Edmir. **O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo: Ícone, 1986.
- ROUSSEAU, J. J. **Emílio ou da Educação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa V. **Estudos Culturais em Educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Porto Alegre: Ed. Universitária/UFRGS, 2000.